

CRESCIMENTO

Desempenho da economia *Brasil* anima investidores

Ricardo Leopoldo

Da equipe do Correio

São Paulo — O Brasil voltou a ser um dos países mais atraentes aos investidores estrangeiros. A troca de US\$ 5,2 bilhões de títulos da dívida externa e a venda de US\$ 2,6 bilhões de papéis da Petrobras na quinta-feira demonstram que o país resgatou o prestígio junto aos investidores internacionais. Para alguns analistas, é provável que

a lua-de-mel com o mercado se prolongue até o final do ano, porque tudo indica que o Brasil cumprirá o acordo firmado em 1998 com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

A empolgação dos investidores também pode ser explicada por outras duas razões: no cenário externo destaca-se o pouso suave da economia norte-americana. Sem a elevação drástica dos juros nos Estados Unidos, o capital continua fluindo para os

países em desenvolvimento. No front interno, são animadores os resultados positivos relativos ao primeiro semestre da economia; inflação de 1,6%, medido pelo IPCA, e crescimento do país de 3,8% em relação ao mesmo período de 1999. Entre janeiro a maio, o Brasil conquistou uma sobra do orçamento de R\$ 4 bilhões acima da previsão do governo ao FMI, relativa aos primeiros seis meses do ano.

O clima de otimismo é tão favorável que os bancos já notam o retorno dos investidores estrangeiros a aplicações mais ariscadas que títulos do governo. É o caso da compra de papéis de empresas na Bolsa de Valores de São Paulo, a Bovespa. “Há um cenário bem favorável. O país vive o melhor momento de expansão da economia dos últimos 25 anos”, comenta Luis Fernando Lopes, economista-chefe do banco Chase Manhattan.

Lopes baseia seu raciocínio na substituição de produtos importados pelos fabricados no Brasil e redução gradual dos juros. A expansão gradual das ex-

portações, especialmente de mercadorias como aviões e celulares, também é um fator positivo. O banco acredita que o país crescerá 3,9% neste ano e aposta numa expansão ainda maior em 2001, de 5%.

Para alguns especialistas, como Rodrigo Azevedo, economista-chefe do banco CSFB Garantia, o bom manejo da economia — refletido na moderada expansão do custo de vida e manutenção do dólar perto de R\$ 1,80 — permitirá ao BC reduzir os juros básicos no dia 23. Na próxima reunião do Comitê de Política Monetária, a taxa anual poderá cair dos atuais 16,5% para 16%. “Até dezembro, contudo, a redução dos juros anual será mais gradual e deverá ficar em 15,5%”.

Outro indicador que reforça o

bom humor do mercado é a entrada de investimentos estrangeiros diretos no país. De janeiro a junho, ingressaram no Brasil US\$ 13 bilhões, quantia próxima aos valores obtidos no ano passado. “A quantia neste ano deverá acumular US\$ 26 bilhões”, estima

Marcelo Carvalho, economista-chefe do banco JP Morgan. Esse é um bom volume de recursos, pois permitirá ao país honrar seus compromissos internacionais, que deverão chegar a US\$ 25 bilhões.

O otimismo é tão grande que o mercado nem levou em conside-

ração uma grande derrota do governo no Supremo Tribunal Federal. Para sete dos 11 ministros do STF, os trabalhadores poderão reaver reajustes ignorados no Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), em janeiro de 1989 e abril de 1990. A quantia representará um gasto total de R\$ 38,8 bilhões, que deverá ser diluído ao longo de vários anos.

Mas nem tudo são rosas. É unânime a impressão junto aos analistas de que o desempenho comercial ainda poderia ser bem melhor. O banco Bilbao Vizcaya Argentaria (BBVA), que previu no início do ano um saldo de US\$ 2,8 bilhões das exportações sobre as importações, reduziu sua estimativa para US\$ 1,6 bilhão. O banco JP Morgan diminuiu seus números de US\$ 2 bilhões para US\$ 1,6 bilhão. A consultoria MCM foi ainda mais radical: baixa de US\$ 3,3 bilhões para US\$ 700 milhões. “Os preços internacionais de produtos agrícolas internacionais, como soja caíram muito neste ano. Em contrapartida, subiram muito os preços do petróleo”, comentou Newton Rosa, economista-chefe da consultoria. “As exportações brasileiras estão subindo 10%. Contudo, seria interessante um esforço maior dos empresários para ampliar sua penetração no mercado exterior”.

CREDIBILIDADE

US\$ 13 BILHÕES

Foi o total aplicado por estrangeiros no Brasil entre janeiro e junho deste ano